

# Vozes do Sul: Pesquisas sobre as Epistemologias Alternativas no Sul Global

*Voices from the South: Research on Alternative Epistemologies in the Global South*

Hiago Higor de Lima

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

[hiagohigor7@gmail.com](mailto:hiagohigor7@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7733-9406>

## RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre as “vozes do Sul” (Pennycook, 2006) como formas de resistência epistemológica frente às dinâmicas de colonialidade que ainda atravessam a produção global de saberes. Inspirado pelas contribuições de Pennycook (2006), Sousa Santos (2010), Mignolo (2009), bell hooks (1994) e Anzaldúa (1987), o trabalho analisa como essas vozes desestabilizam normas impostas pela modernidade ocidental e criam alternativas de existência. Apresentam-se também algumas pesquisas recentes cujo escopo são as diferentes vozes minoritizadas. Ao examinar as práticas culturais, políticas e epistêmicas que emergem do Sul Global, o texto evidencia a potência transformadora desses sujeitos na construção de epistemologias outras, ancoradas na pluralidade, na resistência e na invenção de futuros possíveis.

**Palavras-chave:** vozes do Sul; epistemologias do Sul; colonialidade; resistência;

## ABSTRACT

This paper proposes a reflection on the “voices from the South” (Pennycook, 2006) as forms of epistemological resistance against the dynamics of coloniality that still shape the global production of knowledge. Inspired by the contributions of Pennycook (2006), Sousa Santos (2010), Mignolo (2009), bell hooks (1994), and Anzaldúa (1987), the paper analyzes how these voices destabilize norms imposed by Western modernity and create alternatives for existence. It also presents some recent research whose scope includes the different marginalized voices. By examining the cultural, political, and epistemic practices that emerge from the Global South, the text highlights the transformative potential of these subjects in

the construction of alternative epistemologies, grounded in plurality, resistance, and the invention of possible futures.

**Keywords:** Voices from the South; epistemologies of the South; coloniality; resistance.

## INTRODUÇÃO

O conceito de “vozes do Sul” constitui uma resposta crítica às formas hegemônicas de produção de conhecimento que, historicamente, marginalizaram saberes e experiências oriundas de contextos de resistência. Longe de se restringirem a uma localização geográfica, essas vozes expressam trajetórias culturais, políticas e epistêmicas que desafiam a colonialidade do saber e propõem modos alternativos de existência e de produção de sentido. Escutá-las é mais do que um gesto de inclusão: é um ato de insurgência epistemológica que questiona os critérios tradicionais de legitimidade do conhecimento. Neste texto, propõe-se uma reflexão sobre a centralidade das vozes do Sul a partir das contribuições de Alastair Pennycook (2006), Boaventura de Sousa Santos (2010a), Walter D. Mignolo (2009), bell hooks (1994) e Gloria Anzaldúa (1987), analisando como esses autores concebem a emergência de epistemologias outras, ancoradas na pluralidade, na resistência e na invenção de futuros possíveis.

As vozes que emergem do Sul Global — vozes queer, migrantes, negras, indígenas e de pessoas com deficiência — constituem formas potentes de resistência e reexistência diante das dinâmicas históricas de colonialismo, exclusão e marginalização. Elas se articulam em torno da crítica às normas impostas pela modernidade ocidental, desafiando modelos hegemônicos de identidade, cidadania e humanidade. Em contextos nos quais a colonialidade do poder, do saber e do ser ainda persiste, essas vozes não apenas denunciam as violências estruturais que moldam o mundo contemporâneo, mas também criam alternativas de existência e novas epistemologias.

As teorias queer, ao problematizarem a normatividade de gênero e sexualidade, tornam-se especialmente relevantes no Sul Global, onde a performatividade de gênero, como discutida por Judith Butler (1990), encontra novos campos de negociação e subversão. No

entrelaçamento com as práticas culturais locais, ser queer ou ser gay adquire significados que escapam das categorias ocidentais, revelando a força criativa da resistência híbrida, como apontam Dennis Altman (2001), José Quiroga (2000) e Homi Bhabha (1994).

De maneira similar, os migrantes e deslocados forçados do Sul Global expõem a face racializada e colonial da gestão das fronteiras, conforme analisado por Achille Mbembe (2017) e Walter Dignolo (2011). Suas experiências, marcadas por expulsões e exclusões, como destaca Saskia Sassen (2014), dão origem a novos saberes insurgentes que questionam o projeto moderno-colonial de humanidade, construindo práticas de reexistência e pertencimento para além das narrativas dominantes.

As vozes negras, por sua vez, irrompem como uma denúncia contundente contra a desumanização histórica que atravessa o colonialismo e o capitalismo racial, como elaboram Frantz Fanon (1952), Lélia Gonzalez (1988) e Angela Davis (2016). No Sul Global, essas vozes articulam uma crítica radical à necropolítica contemporânea descrita por Achille Mbembe (2018) e reivindicam o reconhecimento dos saberes produzidos nas lutas, conforme propõe Boaventura de Sousa Santos (2010).

As pessoas com deficiência no Sul Global também se insurgem contra as estruturas capacitistas que limitam sua plena participação social. Para além da perspectiva médica, pensadores como Tom Shakespeare (2006) e Simi Linton (1998) evidenciam que a deficiência é uma construção social que pode e deve ser transformada. Essas vozes, muitas vezes invisibilizadas, participam ativamente da luta por justiça social, educação inclusiva e acessibilidade, alinhando-se à proposta das epistemologias do Sul.

Finalmente, as vozes indígenas trazem à tona resistências ancestrais e contemporâneas contra o colonialismo e o capitalismo extrativista. Como mostram María Lugones (2008), Ailton Krenak (2019) e Boaventura de Sousa Santos (2010), os povos indígenas preservam e renovam saberes que concebem a terra, o tempo e a existência de maneira radicalmente distinta das imposições ocidentais. Suas práticas de resistência não apenas denunciam as violências históricas, mas também oferecem alternativas para a construção de mundos plurais e sustentáveis.

Escutar essas vozes, em sua pluralidade e complexidade, é reconhecer a potência transformadora que emerge dos territórios historicamente marginalizados. Mais do que testemunhas da dor, essas vozes são produtoras de novos sentidos, insurgências e possibilidades de vida, desafiando as estruturas do mundo moderno/colonial e abrindo caminhos para outras formas de ser, de saber e de conviver.

Tendo por objetivo abarcar algumas dessas vozes, este trabalho, além da presente introdução, apresenta a seção “Vozes do Sul: Linguagem, Poder e Epistemologias Outras”, que visa ao diálogo com autores acerca de grupos específicos que compõem o Sul Global, como os grupos queer, negros, migrantes, pessoas com necessidades específicas e indígenas. Por fim, considerações finais sobre o apanhado realizado são tecidas.

## **VOZES DO SUL: LINGUAGEM, PODER E EPISTEMOLOGIAS OUTRAS**

As “vozes do Sul” emergem como uma categoria crítica que desafia o monopólio epistemológico das narrativas hegemônicas. Tal conceito não se refere exclusivamente à localização geográfica, mas às condições históricas, culturais e políticas que moldam formas alternativas de conhecer e de resistir à colonialidade do saber. Pennycook (2006) introduz essa discussão no campo da linguística aplicada crítica, advertindo que

as vozes do Sul representam formas de saber e ser que foram historicamente marginalizadas pelas trajetórias coloniais. Ouvir essas vozes é, portanto, um ato de resistência e uma tentativa de construir epistemologias mais plurais, que não se rendam à homogeneização cultural promovida pela globalização linguística e econômica (Pennycook, 2006, p. 9).<sup>1</sup>

As “vozes do Sul” indicam, portanto, saberes produzidos a partir de contextos de exclusão, marginalidade e resistência, contrapondo-se às lógicas hegemônicas do Norte global. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Santos (2010) também destaca a importância de uma “ecologia de saberes”, a qual “é a proposição de que todos os saberes são incompletos

---

<sup>1</sup> Tradução minha, bem como as demais citações de texto em língua estrangeira.

nas suas próprias formas e que é na articulação entre diferentes modos de conhecer que se pode construir uma inteligência coletiva, solidária e emancipadora” (Santos, 2010, p. 27).

Enquanto Pennycook enfatiza a dinâmica linguística e a resistência cultural, Santos amplia a discussão para o campo das epistemologias em geral, insistindo que não se trata apenas de validar novos saberes, mas de dismantlar a hierarquia entre os modos de conhecer. Complementarmente, Walter D. Mignolo (2009) propõe a ideia de "desobediência epistêmica", que reforça a urgência de romper com as bases coloniais do conhecimento. Para o autor,

a desobediência epistêmica é a necessidade de pensar a partir de outras matrizes de significado, desprendendo-se da busca de reconhecimento nos padrões do conhecimento ocidental. Trata-se de desobedecer não apenas política e economicamente, mas também cognitivamente (Mignolo, 2009, p. 13).

Assim, o conceito de "vozes do Sul" aproxima-se da desobediência epistêmica ao propor não apenas a inclusão de saberes marginais, mas a reconfiguração das próprias regras que definem o que é conhecimento legítimo. Analisando comparativamente, percebe-se que, para Pennycook, as vozes do Sul são sobretudo performances linguísticas e culturais que desafiam a homogeneidade, enquanto para Santos trata-se da construção de uma inteligência coletiva que reconhece a incompletude de todos os saberes. Mignolo, por sua vez, radicaliza o gesto propondo a ruptura com as próprias bases ontológicas e epistemológicas do Norte global.

O conceito também encontra ressonância nas epistemologias feministas e negras. Bell hooks (1994) argumenta que a localização marginal é um lugar privilegiado de conhecimento, dado que “a margem é um local de radical abertura e possibilidade. Estar à margem nos permite ver o centro de uma perspectiva diferente, uma perspectiva que pode ser libertadora” (hooks, 1994, p. 150). As "vozes do Sul", portanto, não apenas denunciam as exclusões, mas propõem mundos outros, em que o conhecimento é pluriversal e situado. A escuta dessas vozes implica um compromisso ético e político: reconhecer que as epistemologias do Sul são, em si mesmas, formas de resistência, recriação e invenção de futuros possíveis. Os sujeitos, os quais vivem nas fronteiras e nos atravessamentos, transformam e são transformados, fazendo com que o conhecimento da fronteira seja algo

que desafia e, ao mesmo tempo, reconstrói (Anzaldúa, 1987). Assim, as vozes do Sul são, simultaneamente, testemunho de um passado de opressão e semente de futuros epistemológicos plurais.

No contexto das epistemologias do Sul, as vozes que emergem dos grupos historicamente marginalizados – como negros, queer, migrantes, pessoas com necessidades específicas e indígenas – desempenham um papel crucial na resistência à colonialidade e na subversão dos saberes hegemônicos. Essas vozes, que se articulam a partir de diversas experiências de exclusão, opressão e resistência, oferecem perspectivas plurais que desafiam as narrativas dominantes e propõem novas formas de entendimento sobre identidade, cultura e poder. Embora seja impossível abarcar todas as vozes que constituem o vasto espectro do Sul Global, este artigo se concentra especificamente nas mencionadas, reconhecendo que há outras experiências igualmente significativas, mas que não são abordadas aqui por questões de limitação de espaço. A escolha por destacar essas vozes não diminui a importância das demais, mas visa aprofundar a análise de formas de resistência e reexistência que, ainda hoje, contribuem para a criação de novos saberes e práticas.

### **As Vozes Queer no Sul Global**

As teorias queer, que emergem a partir de uma crítica às normas de gênero e sexualidade impostas pela modernidade ocidental, oferecem uma poderosa ferramenta para analisar as dinâmicas de identidade e resistência no Sul Global. A concepção de *queer* vai além das categorias binárias de gênero e sexualidade, propondo uma reflexão crítica sobre as normas dominantes, tanto em relação ao sexo quanto à identidade. No Sul Global, o conceito de *queer* se torna ainda mais relevante, pois não apenas desafia as normativas ocidentais, como também reconfigura as próprias noções de pertencimento e resistência.

Para Judith Butler (1990), o gênero é uma construção performativa, ou seja, é algo que se faz, e não se é, sendo continuamente negociado em diferentes contextos culturais. Butler afirma que

a performance de gênero é, portanto, uma prática repetitiva que constitui a própria identidade. No entanto, essa repetição não é uma imitação fiel, mas uma imitação

distorcida e, muitas vezes, subversiva das normas estabelecidas (Butler, 1990, p. 141).

No Sul Global, esse entendimento de gênero como performativo se torna um campo fértil para a criação de novas subjetividades que escapam das imposições coloniais e hegemônicas. As pessoas queer no Sul não apenas resistem à normatividade, mas também criam novas formas de existir, muitas vezes imersas em práticas culturais locais que desafiam o binarismo de gênero e a heteronormatividade.

Nessa perspectiva, a experiência gay no Sul Global também se insere como uma expressão dessa resistência e reconfiguração. Dennis Altman (2001), ao discutir a globalização das identidades sexuais, alerta para o fato de que o movimento gay não se manifesta da mesma forma em todas as partes do mundo, pois é continuamente reinterpretado em contextos culturais específicos. Ele observa que “o ‘gay globalizado’ é, em muitos casos, uma ficção; as expressões de desejo e identidade sexual fora do Ocidente frequentemente assumem formas que pouco se encaixam nas categorias ocidentais” (Altman, 2001, p. 88).

Em muitos contextos do Sul Global, ser gay é uma experiência complexa que envolve simultaneamente invisibilidade e hipervisibilidade, onde a sexualidade é ao mesmo tempo reprimida e celebrada em espaços culturais híbridos. José Quiroga (2000) descreve a experiência gay na América Latina, destacando as ambiguidades dessa vivência:

ser gay na América Latina é uma experiência simultaneamente de invisibilidade e hipervisibilidade, onde a sexualidade é vigiada, regulamentada e, ao mesmo tempo, celebrada em espaços ambíguos da cultura popular (Quiroga, 2000, p. 53).

Essa ambiguidade também pode ser entendida dentro do conceito de *hibridismo cultural* proposto por Homi Bhabha (1994). Para ele, as identidades culturais não são fixas, mas são constantemente reconfiguradas nos espaços intersticiais, onde as práticas culturais se entrelaçam e geram novas formas de subjetividade. Bhabha afirma que no espaço entre as culturas, as identidades são reformuladas, negociadas e ressignificadas continuamente (BHABHA, 1994, p. 56). Assim, as vozes queer do Sul Global, incluindo as experiências gays, não apenas contestam as normas heteronormativas globais, mas também criam novos caminhos para a expressão de desejo, identidade e resistência. Essas vozes reconfiguram o

que significa ser *queer* em diferentes partes do mundo, desafiando não apenas o colonialismo, mas também a hegemonia das representações normativas de sexualidade e gênero.

A análise das vozes queer no Sul nos convoca a repensar a própria estrutura de nossas identidades, reconhecendo que elas são produzidas em um campo de tensões entre resistência e normatividade, tradição e modernidade, colonização e decolonização. Além das vozes gay e queer, o Sul Global também é um espaço de diversidade sexual mais ampla, que inclui pessoas trans, travestis, lésbicas, bissexuais, intersexuais e outras. Essas identidades enfrentam desafios específicos, muitas vezes marcados por um intenso estigma, violência e discriminação.

### **Vozes Migrantes e Deslocados Forçados no Sul Global**

O fenômeno das migrações e dos deslocamentos forçados no Sul Global revela dinâmicas históricas de exclusão, colonialidade e resistência que desafiam narrativas hegemônicas sobre mobilidade humana (Lima, 2022). Stuart Hall (1996) já indicava que as identidades culturais no contexto da diáspora não são fixas, mas sim marcadas por deslocamentos contínuos, gerando sujeitos que vivem “entre-lugares”, em constante negociação entre culturas.

No mesmo sentido, Achille Mbembe (2017) aponta que a lógica da fronteira, no mundo contemporâneo, é menos sobre a separação entre Estados e mais sobre a gestão racializada da mobilidade: alguns corpos são livres para circular, enquanto outros são sistematicamente impedidos ou criminalizados. Essa dinâmica evidencia que o deslocamento forçado no Sul não pode ser compreendido apenas como um problema humanitário, mas como um sintoma estrutural das desigualdades globais.

Walter Mignolo (2011) reforça essa perspectiva ao discutir a colonialidade do poder, mostrando como o regime moderno/colonial produziu hierarquias geopolíticas e epistemológicas que naturalizam a exclusão de povos do Sul. Os migrantes e deslocados forçados, nesse contexto, não apenas resistem ao apagamento, mas também criam novas formas de narrar suas existências, produzindo saberes insurgentes e práticas de reexistência.

Além disso, a socióloga Saskia Sassen (2014) argumenta que os deslocamentos forçados são cada vez mais o resultado de “expulsões”, processos econômicos e políticos que

desestruturam comunidades inteiras, seja por guerras, mudanças climáticas, projetos extrativistas ou políticas neoliberais. Para Sassen, essas "expulsões" não são colaterais, mas centrais ao funcionamento do sistema global.

Essas vozes migrantes, emergindo das margens, nos convocam a repensar os conceitos de território, pertencimento e cidadania. Como destaca Catherine Walsh (2017), escutar essas vozes é fundamental para construir projetos de mundo plurais e decoloniais, que reconheçam a dignidade e a agência dos sujeitos historicamente silenciados. Assim, as vozes migrantes do Sul Global não apenas denunciam as violências do sistema-mundo moderno/colonial, mas também apontam para outras possibilidades de existência e convivência para além da lógica da exclusão e da morte.

### **As Vozes Negras no Sul Global**

As vozes negras no Sul Global surgem como potentes formas de resistência e reexistência diante de estruturas coloniais e raciais que historicamente marginalizaram corpos e epistemologias negras. Frantz Fanon (2008 [1952]), em sua obra seminal, denuncia como o colonialismo impõe ao sujeito negro uma identidade construída a partir da inferiorização e da objetificação. Fanon afirma que “sobre o corpo enegrecido pesam o olhar do outro, a história, as tradições e o contexto, impedindo-o de ser simplesmente um homem entre outros homens” (Fanon, 2008, p. 89). Essa marca histórica da desumanização ressoa fortemente nas experiências contemporâneas dos povos negros do Sul Global.

No contexto latino-americano, Lélia Gonzalez (1988) propõe o conceito de *amefricanidade* como uma estratégia política e cultural que recoloca as populações negras no centro da construção das Américas. Em suas palavras, “nossa América é Amefricana porque foi e continua sendo pensada, construída e vivida pela força histórica da presença negra e indígena, relegadas a uma condição subalterna” (Gonzalez, 1988, p. 79). Esse deslocamento epistemológico é crucial para questionar o projeto moderno-colonial e suas hierarquias raciais.

Achille Mbembe (2018) também contribui para a reflexão sobre o lugar das populações negras, ao desenvolver o conceito de *necropolítica*. Para ele: “a necropolítica revela como a soberania, em determinadas sociedades, se expressa primordialmente pelo poder de decidir quem deve viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 25). Nesse sentido, os territórios negros do Sul Global tornam-se espaços privilegiados para a manifestação da violência sistemática, mas também da resistência coletiva. Boaventura de Sousa Santos (2010) defende a valorização das *epistemologias do Sul* nesse em outros contextos, enfatizando a necessidade de legitimar os saberes produzidos a partir da experiência histórica da opressão e da luta, reiterando que elas “partem do reconhecimento das lutas sociais e dos saberes que nelas emergem como fontes legítimas de conhecimento alternativo às epistemologias dominantes” (Santos, 2010, p. 24).

Nesse sentido, as vozes negras não são apenas testemunhas de processos históricos de exclusão, mas produtoras de novos mundos possíveis. Finalmente, Angela Davis (2016) alerta para a intersecção entre as lutas antirracistas, anticapitalistas e feministas. A autora afirma que “a luta pela liberdade dos negros sempre esteve imbricada com a luta pela liberdade de todos os oprimidos, pois o racismo é uma engrenagem essencial do capitalismo e do patriarcado” (Davis, 2016, p. 41). Assim, ouvir e valorizar as vozes negras do Sul Global é uma tarefa fundamental para a construção de alternativas emancipatórias diante das múltiplas formas de dominação contemporâneas.

### **Vozes de Pessoas com Necessidades Específicas no Sul Global**

As vozes das pessoas com necessidades específicas no Sul Global são muitas vezes silenciadas em discursos dominantes sobre direitos humanos, acessibilidade e justiça social. Em muitos contextos, a deficiência é vista como um fenômeno puramente médico e pessoal, sem a devida consideração de sua relação com estruturas sociais e culturais mais amplas, como a pobreza, o racismo, o capacitismo e a exclusão social. No entanto, as pessoas com deficiência no Sul Global têm produzido importantes formas de resistência e estão desafiando as normas impostas pela sociedade em relação ao corpo e à subjetividade.

O conceito de deficiência, em muitos contextos ocidentais, é frequentemente reduzido a uma limitação biológica ou física, ignorando as realidades sociais e culturais que as pessoas com deficiência enfrentam. Tom Shakespeare (2006) questiona essa perspectiva, propondo uma abordagem que considere as barreiras sociais e ambientais como fatores fundamentais na construção da experiência de deficiência. Shakespeare destaca que

a deficiência não é simplesmente uma falha no corpo, mas uma interação entre as condições do corpo e as barreiras sociais e físicas que uma pessoa enfrenta. Em muitas sociedades, essas barreiras são tão graves que a deficiência se torna uma experiência de marginalização e exclusão (Shakespeare, 2006, p. 53).

Dentro dessa perspectiva, a luta das pessoas com deficiência no Sul Global é também uma luta contra o capacitismo estrutural, que perpetua a exclusão, buscando a construção de uma sociedade mais inclusiva, onde a diversidade de corpos e habilidades seja reconhecida e celebrada. Simi Linton (1998), uma das principais teóricas na área de estudos de deficiência, argumenta que a deficiência é uma construção social, um produto de práticas discriminatórias que limitam a participação das pessoas com deficiência na vida pública e privada. Como Linton afirma,

a deficiência é uma construção social, uma posição que é atribuída ao indivíduo, em vez de uma característica intrínseca. O que é necessário, então, é mudar as estruturas sociais que impõem barreiras e criar um ambiente mais acessível (Linton, 1998, p. 43).

No Sul Global, essa luta é especialmente visível nas comunidades que enfrentam não apenas a exclusão devido à deficiência, mas também a pobreza, o racismo e outras formas de opressão. Boaventura de Sousa Santos (2010), ao discutir as epistemologias do Sul, também traz à tona a ideia de que as pessoas com deficiência devem ser reconhecidas não apenas como vítimas de um sistema, mas como sujeitos ativos na criação de novas formas de saber e de ser no mundo. Sousa Santos observa que “as pessoas com deficiência não são apenas objetos de cuidado, mas sujeitos de transformação, capazes de criar novas formas de solidariedade e resistência dentro de um mundo que constantemente as marginaliza” (Santos, 2010, p. 110).

Além disso, as tecnologias assistivas e as práticas de inclusão têm sido um ponto chave nas lutas das pessoas com deficiência no Sul Global. Em muitos países, o acesso à

educação, à saúde e ao trabalho para essas populações continua sendo uma luta constante, enquanto movimentos e ativistas têm pressionado governos e organizações internacionais para garantir que seus direitos sejam reconhecidos e respeitados.

No contexto do Sul Global, as vozes das pessoas com deficiência não devem ser tratadas como uma categoria separada das lutas mais amplas por justiça social, mas como uma parte integrante dessas lutas. A interseção entre deficiência, gênero, classe social e etnia, por exemplo, coloca as mulheres com deficiência e as pessoas negras com deficiência em uma posição de extrema vulnerabilidade, amplificando os desafios que enfrentam.

A luta pela acessibilidade, pela educação inclusiva e pela representatividade no campo político e social é central para essas vozes. O ativismo das pessoas com deficiência no Sul Global tem mostrado que a mudança é possível, mas exige uma mudança radical nas estruturas sociais que ainda marginalizam e excluem.

### **Vozes Indígenas no Sul Global**

As vozes indígenas no Sul Global oferecem uma resistência profunda e contínua contra o colonialismo, o avanço do capitalismo global e a destruição de seus territórios. Essas vozes são ao mesmo tempo marginais e fundamentais para a compreensão das dinâmicas de poder, identidade e natureza no contexto global. No Sul Global, os povos indígenas não apenas preservam saberes ancestrais, mas também criam novas formas de resistência, desafiando a lógica colonial e as políticas de assimilação que buscam apagar suas culturas, línguas e modos de vida.

A análise dessas vozes é crucial para a construção de um pensamento decolonial que não apenas questiona as estruturas de poder modernas, mas também reconhece as epistemologias indígenas como formas legítimas de conhecimento e organização social. María Lugones (2008) contribui para a teoria decolonial ao discutir a interseção entre o colonialismo e o patriarcado, destacando como as culturas indígenas no Sul Global são continuamente desafiadas a manter sua identidade e autonomia diante da modernidade imposta. Lugones observa que

as mulheres indígenas, assim como os povos indígenas, resistem a uma história de extermínio e assimilação. O feminismo decolonial busca resgatar essas vozes, não como um eco do passado, mas como uma prática de resistência contínua no presente (Lugones, 2008, p. 17).

Os povos indígenas também têm sido defensores das questões ambientais e dos direitos territoriais, propondo um entendimento radicalmente diferente do espaço e da natureza em comparação com as visões ocidentais. Ailton Krenak (2019), um dos mais importantes líderes indígenas do Brasil, discute a relação entre os povos originários e a terra como parte fundamental da sua cosmovisão. Krenak afirma que “a terra não é uma propriedade, é um sujeito, e é em relação com ela que nossa cultura e identidade se constroem. A destruição ambiental que vemos hoje é uma consequência direta do desrespeito a essa relação (Krenak, 2019, p. 72).

Além disso, as noções de *tempo* e *história* nos povos indígenas são marcadamente diferentes da linearidade imposta pelas narrativas ocidentais. Os saberes indígenas, muitas vezes orais, possuem uma temporalidade que desafia a ideia de progresso linear e traz à tona formas alternativas de concepção de mundo. Boaventura de Sousa Santos (2010) também aborda a questão da epistemologia indígena, propondo uma visão que reconheça a pluralidade dos saberes e a importância das perspectivas indígenas na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As vozes indígenas, portanto, não são apenas uma resistência passiva ao colonialismo, mas também uma forma ativa de reconfigurar os sentidos de identidade, território e justiça. Elas representam uma alternativa ao modelo dominante de desenvolvimento e mostram que existem outras formas de existir e de viver no mundo que não dependem da exploração da terra ou das pessoas.

Portanto, escutar as vozes indígenas é fundamental não apenas para entender as injustiças históricas e contemporâneas, mas também para reimaginar um futuro em que as comunidades indígenas sejam reconhecidas e valorizadas por sua contribuição única para o conhecimento, a cultura e a preservação do planeta.

No Brasil, a preocupação com as vozes do Sul tem engendrado pesquisas nas universidades, as quais buscam com que se faça ouvir a voz desses sujeitos postos à margem.

A título de ilustração, o quadro abaixo apresenta exemplos dessas pesquisas em diferentes universidades brasileiras ao longo dos últimos cinco anos:

**Quadro 01 – Pesquisas com escopo nas Vozes do Sul**

Título	Autor(a)	Ano	Grupo(s) Focalizado (s)	Instituição	Link
Subúrbios existenciais: percepções de saúde mental de homens negros gays	Rafael Cardoso Gomes	2022	Negros, Gays	Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz)	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/56656">https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/56656</a>
Negro e gay: do fetiche à discriminação	Tiago Damasceno Pereira	2022	Negros, Gays	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	<a href="https://ri.ufs.br/handle/riufs/15708">https://ri.ufs.br/handle/riufs/15708</a>
Trajatórias acadêmicas de jovens gays e negros na educação superior	Murilo dos Anjos Santos	2024	Negros, Gays	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	<a href="https://repositorio.ufba.br/handle/ri/40636">https://repositorio.ufba.br/handle/ri/40636</a>
Pessoas com deficiência visual e suas experiências de leitura com leitores, leitores e com recursos de tecnologia digital assistiva	Rutiléia Maria de Lima Portes Vital	2023	Pessoas com necessidades específicas	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	<a href="https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/40998">https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/40998</a>
Fronteiras políticas em movimento - dilemas e tendências de novos fluxos imigratórios em São Paulo: trabalho, gênero e direitos	Vanessa Generoso Paes	2020	Imigrantes	Universidade de São Paulo (USP)	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14092018-174651/pt-br.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14092018-174651/pt-br.php</a>
Subjetividades em deslocamento: narrativas de imigrantes venezuelanos na cidade de Porto Alegre	Fernanda dos Santos Rocha	2021	Imigrantes	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	<a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/282582">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/282582</a>
Direitos humanos e propriedade: terras indígenas e proprietários rurais no caso de Dourados-MS	Paulo César Nunes da Silva	2022	Indígenas	Universidade de São Paulo (USP)	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-16082022-091359/pt-br.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-16082022-091359/pt-br.php</a>

<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Ano</b>	<b>Grupo(s) Focalizado(s)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Link</b>
Demarcação de terras indígenas e poder judiciário: uma análise crítica do impacto da atuação judicial na garantia das políticas públicas estatais voltadas para o acesso às terras para as populações indígenas na região platina brasileira	Leandro Ferreira Bernardo	2020	Indígenas	Universidade de São Paulo (USP)	<a href="https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-28082020-020244/pt-br.php">https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-28082020-020244/pt-br.php</a>

Fonte: Elaborado pelo autor (2025).

Pesquisas como as apresentadas no quadro acima são essenciais para o avanço dos estudos das epistemologias do Sul, pois desafiam as abordagens tradicionais, muitas vezes centradas nas perspectivas do Norte global. Elas oferecem uma visão mais ampla e inclusiva, ao destacar as experiências e vivências de grupos historicamente marginalizados, como negros, gays, imigrantes, pessoas com deficiência e indígenas.

Pelas vozes desses sujeitos, nota-se que essas investigações não só ampliam o entendimento sobre questões sociais, culturais e políticas, mas também contribuem para a desconstrução de narrativas hegemônicas, propondo novos saberes baseados nas realidades locais. Além disso, ao abordar temas como saúde mental, discriminação, trajetórias acadêmicas e direitos humanos, essas pesquisas revelam as complexas intersecções de raça, gênero, classe e deficiência, fundamentais para uma compreensão mais justa e equitativa da sociedade. Dessa forma, essas pesquisas se inserem como pilares importantes na reconfiguração do conhecimento acadêmico, reforçando a necessidade de um olhar atento às diversidades e especificidades do Sul global.

## **A PLURALIDADE DAS VOZES DO SUL GLOBAL**

As vozes discutidas até aqui — queer, negras, migrantes, indígenas e pessoas com necessidades específicas — são apenas algumas das muitas que representam as realidades e as lutas do Sul Global. Cada uma dessas vozes carrega consigo uma história de resistência,

ressignificação e construção de identidades que desafiam as narrativas dominantes e as estruturas de poder que buscam silenciá-las.

Essas vozes exemplificam a diversidade de experiências que permeiam o Sul Global, um espaço marcado por relações desiguais, mas também por potentes formas de resistência e construção de alternativas. As vozes queer, por exemplo, são fundamentais para a compreensão das dinâmicas de gênero e sexualidade no contexto decolonial, mostrando como as normas heteronormativas do Ocidente não se aplicam uniformemente no Sul. Já as vozes negras revelam as profundas cicatrizes do racismo estrutural e a luta pela emancipação que atravessa séculos de colonização e opressão.

As vozes de migrantes trazem à tona as complexas questões de deslocamento, fronteiras e pertencimento em um mundo globalizado, enquanto as vozes indígenas desafiam a lógica colonial ao defenderem uma visão de mundo que reconhece a terra e a natureza como sujeitos. As vozes de pessoas com necessidades específicas, por sua vez, revelam como o capacitismo e a exclusão social continuam a marginalizar esses indivíduos, mas também mostram como elas estão reconfigurando a noção de acessibilidade e participação plena na sociedade.

Entretanto, essas vozes representam apenas uma fração das múltiplas perspectivas que compõem o tecido social do Sul Global. Há ainda inúmeras outras vozes que não foram abordadas neste estudo devido à limitação de espaço e à vasta complexidade do tema, como as vozes de trabalhadores e trabalhadoras, feministas do Sul, populações LGBTIQIAPN+ fora do contexto gay/queer, e tantas outras que têm sido sistematicamente silenciadas ou marginalizadas em discursos tradicionais. O estudo dessas vozes nos oferece uma oportunidade única de reexaminar e transformar a maneira como entendemos as dinâmicas globais de poder, resistência e identidade.

É fundamental compreender que as vozes do Sul Global não devem ser vistas apenas como respostas reativas ao imperialismo e à opressão. Elas são, na verdade, agentes de transformação, oferecendo alternativas viáveis para o futuro. Elas reconstróem o conhecimento, desafiam as normas culturais e sociais, e propõem novas formas de viver e de se relacionar com o mundo. Nesse sentido, o estudo dessas vozes é essencial para a

construção de um mundo mais justo e plural, que reconheça e valorize a diversidade de experiências e modos de vida.

Através do reconhecimento das vozes do Sul, podemos não apenas entender as questões urgentes que essas populações enfrentam, mas também aprender com suas formas de resistência, resiliência e inovação. A escuta ativa dessas vozes é uma chave para a construção de uma sociedade mais inclusiva, na qual todas as formas de identidade e conhecimento sejam reconhecidas e respeitadas. Portanto, continuar a investigar e amplificar essas vozes é um passo fundamental para a criação de um futuro mais equitativo e humano.

O estudo das vozes do Sul Global é, sem dúvida, um exercício de ampliação do conhecimento e de democratização do discurso. Ao explorar essas vozes, estamos não apenas dando visibilidade a narrativas historicamente silenciadas, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Essas vozes, longe de serem homogêneas ou estáticas, são vivas e dinâmicas, e sua importância reside na capacidade de oferecer novas perspectivas sobre os desafios globais contemporâneos. A partir da análise dessas vozes, podemos vislumbrar alternativas para um mundo mais inclusivo, solidário e sustentável, no qual as diversas identidades e culturas possam coexistir e prosperar.

As vozes discutidas até aqui — queer, negras, migrantes, indígenas e pessoas com necessidades específicas — são apenas algumas das muitas que representam as realidades e as lutas do Sul Global. Cada uma dessas vozes carrega consigo uma história de resistência, resignificação e construção de identidades que, as quais desafiam as narrativas dominantes e as estruturas de poder que buscam silenciá-las.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo sobre as vozes do Sul Global nos permite compreender as múltiplas formas de resistência que emergem de contextos historicamente marginalizados, desafiando a colonialidade do saber e propondo novas epistemologias. Ao explorar as contribuições de vozes queer, negras, migrantes, indígenas e de pessoas com deficiência, podemos perceber como essas subjetividades não apenas questionam as normas impostas pela modernidade

ocidental, mas também criam alternativas concretas de existência, pertencimento e produção de conhecimento. Essas vozes são, portanto, agentes de transformação, que não se limitam a denunciar a opressão, mas a inventar futuros possíveis, com base em suas próprias narrativas e experiências.

A análise de autores como Pennycook, Boaventura de Sousa Santos, Walter D. Mignolo, bell hooks e Gloria Anzaldúa, entre outros, evidencia a necessidade de um reconhecimento mais amplo das epistemologias do Sul, que vão além das fronteiras da academia ocidental e se abrem para saberes situados, híbridos e plurais. Essas epistemologias não são apenas reações ao colonialismo, mas são práticas vivas e dinâmicas que oferecem novas formas de compreender o mundo e agir nele.

É importante frisar que este trabalho, devido à sua limitação de espaço, não conseguiu abarcar todas as vozes relevantes que compõem o tecido social do Sul Global, como as de trabalhadores e trabalhadoras, feministas do Sul ou outras populações LGBTI+. No entanto, cada uma dessas vozes desempenha um papel crucial na construção de um mundo mais justo, plural e inclusivo. O estudo das vozes do Sul nos convoca a ampliar a escuta e a crítica, para que possamos, coletivamente, pensar em alternativas mais solidárias e sustentáveis para o futuro.

Escutar essas vozes e compreender as formas de resistência que elas representam é, assim, um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais equitativa, onde a pluralidade de identidades e saberes seja respeitada e valorizada. Ao dar visibilidade a essas vozes, não apenas reconhecemos as lutas de quem sempre esteve à margem, mas também aprendemos com as formas criativas e transformadoras de resistência que emergem de suas experiências. O reconhecimento e amplificação dessas vozes são, portanto, essenciais para que possamos construir um futuro no qual a diversidade de saberes e modos de vida possa coexistir de maneira equânime, harmônica e justa.

## REFERÊNCIAS

ALTEMAN, Dennis. *Global sex*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

- BHABHA, Homi K. *The location of culture*. London: Routledge, 1994.
- BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008 [1952].
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988, p. 69-82. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em 10 de setembro de 2025.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- HALL, Stuart. *Cultural identity and diaspora*. In: ANG, Ien; HALL, Stuart; MERCER, Kobena; MORTON, Donald; JULIA, Leslie. *Identity: Community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1996.
- HOOKS, bell. *Teaching to transgress: Education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LIMA, Hiago Higor de. *O jogo de imagens em narrativas de migrantes e(m) discurso*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2022.
- LINTON, Simi. *Claiming Disability: Knowledge and Identity*. New York: New York University Press, 1998.
- LUGONES, María. *Heterosexualism and the colonial/modern gender system*. In:
- BUTLER, Judith. *Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 2008.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter D. *The darker side of Western modernity: Global futures, decolonial options*. Durham: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, Walter. *Epistemic disobedience, independent thought and decolonial freedom*. *Theory, Culture & Society*, 26(7-8), 1-23, 2009.

MISKOLCI, Richard. *O desejo da nação: Masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and transcultural flows*. New York: Routledge, 2006.

QUIROGA, José. *Tropics of desire: Interventions from queer Latino America*. New York: New York University Press, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A descolonização do saber: A ciência, a educação e a escola*. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do sul: Para uma ciência pós-abissal*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. São Paulo: Cortez, 2010.

SASSEN, Saskia. *Expulsions: Brutality and complexity in the global economy*. Cambridge: Belknap Press of Harvard University Press, 2014.

SHAKESPEARE, Tom. *Disability Rights and Wrongs*. London: Routledge, 2006.

WALSH, Catherine. “Interculturalidade e (de)colonialidade do poder: Um pensamento e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial”. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, 2017.

Aceito em: 27/04/2025  
Recebido em: 03/09/2025

**Hiago Higor de Lima:** Doutorando em Estudos Linguísticos (UFJF).